

Ralf Rickli

ASSIM FALAVA

ZÉ

**uma
coletânea
desparelha
em construção**

Vitória (ES), 2019

Ralf Rickli

ASSIM FALAVA ZÉ

- uma coletânea desparelha em construção -

[ZÉ - versão 190104]

EDIÇÃO DO AUTOR. A presente versão desta obra pode ser lida online ou baixada no seu computador, e pode ser reproduzida no todo ou em parte, seja em formato virtual ou impresso, **desde que:**

(1) sempre com clara identificação do autor (Ralf Rickli) e fonte (tropis.org/biblioteca/rr.ze.pdf);

(2) em pequena escala, para uso informativo ou recreativo individual ou de grupos, não podendo ser vendida em nenhum formato por ninguém e em nenhuma hipótese. CONTATO COM O AUTOR: ralf.r@tropis.org

SUGESTÃO PARA LEITURA EM TELA: feche qualquer barra lateral no Acrobat. Escolha *Zoom para nível de página* (Ctrl+0). No menu *Visualizar* escolha *Exibição da página* e em seguida *Exibição de página individual* ou *Exibição em duas páginas*, como preferir.

SUGESTÃO PARA MELHOR RENDIMENTO DE IMPRESSÃO: procure opções de “duas páginas por folha” para imprimir em formato paisagem, frente e verso, com inversão na borda curta. O resultado pode ser melhor se você dispuser de papel no formato ofício norte-americano (Legal).

This is a strictly non-commercial edition: no person whatsoever earns or may earn any kind of profit, fee or payment for it.

ASSIM FALAVA ZÉ

EDIÇÃO I (31.12.2018)

ASSIM FALAVA ZÉ

(POEMA EM PROSA - 1982)

4

- Mas quem é o Zé?

(um INTERFÁCIO - 2018)

6

ZÉ E AS FESTAS DE NATAL

(CONTO - 2006)

11

O QUE ZÉ DIZ QUE OUVIU DE DEUS

(POEMA - 2007)

26

CONVERSA COM O MONGE JOSEFUS sobre a luz da carne & as sombras da luz

(DIÁLOGO FILOSÓFICO - 2008)

28

ZÉ E AS FORMIGAS DA PIA

(MICROCONTO - 2006)

45

Mais trabalhos de RALF RICKLI (& alguns outros autores)
em <http://tropis.org/biblioteca>

ASSIM FALAVA ZÉ

(POEMA EM PROSA - 1982)

assim falava zé, filho de mané (embora isso pouco lhe importasse, pois todos os humanos de alguém são filhos, e não lhe interessava distinguir-se das mulheres e homens todos desse mundo),

assim falava zé, cheio de tristeza pelo pouco sol que agora lhe atingia e de ânsias de uma vez mais voar, acima dos obstáculos do corpo da terra, pra melhor vê-la e melhor apaixonar-se,

cheio de vontade de voar para oeste, sobrevoar cidades onde - sabia - em cada uma haveria um punhado ou pitada ou um só como ele, sempre sonhando vencer o peso do mundo que nos agrilhoa o corpo, sonhando-se tão leves que pudessem entregar de si até a última fibra

ao amor da terra e de sua pele belíssima, à potência dos raios do irmão-mais-velho, à dança dos sóis e planetas, ao abraço noturno e interior do céu-matriz ou pai que nos unifica,

e ao amor assim de cada humano, cada um e todos dos humanos, que trazem cada um dentro de si a terra, os astros e o céu também dançando, cada-um pequeno-mundo,

pois só assim ao se entregar até o seu último terço alguma chance de ganhar-se ou descobrir-se, e de afinar sua dança interna com a dança dos mundos de fora,

o que permitiria um vento morno atravessar suas almas trazendo aromas macios e coloridos,

algo assim que sugerisse mesmo até o que fosse ou que pudesse talvez ser o ser feliz.

(*ser feliz... ser feliillliiz...*
– dizia o gato –
a senhora já pensou em ser feliz?)

DE VOLTA AO ÍNDICE

Mas quem é o Zé?

(UM INTERFÁCIO – 2018)

Como se vê no primeiro texto desta coletânea *desparelha*, o Zé andava por aí já em 1982 – mas foi só em 2008 que este que vos fala arriscou uma explicação mais ou menos abrangente de quem e como é o Zé:

Me dei conta de que a poesia que eu tenho estocada parece ser de *no mínimo* três autores diferentes, e não de um só.

Ora, direis... *Fernando Pessoa já fez isso...* mas não!, não se trata de um "projeto de produção literária" ou algo assim. Aliás, tenho certeza de que também em Fernando Pessoa não se tratava: ele foi é um sujeito com percepção da complexidade do ser humano, e usou a si mesmo como exemplo de como essa complexidade é. Todo mundo, caso se conhecesse a fundo, acabaria sendo tentado a dar nomes diferentes (= *heterônimos*) aos diferentes aspectos de si. Sem muita teoria mais, passo a contar então que identifiquei basicamente "três autores" por trás dessas páginas arquivadas:

(1) Um sujeito que gosta de brincar com palavras & com os fatos da vida: trocadilhos, tiradas, poemas curtos, uma dose considerável de rima e outra de autoironia... Esse sujeito se sentiu estimulado e à vontade na espécie de transconcretismo que predominou nos anos 80, como o do conterrâneo Paulo Leminski.

E desconfio que **pra esse sujeito cabe bem o nome RALF**, com que eu fui registrado – não porque esse seja "o eu verdadeiro", e os

outros sejam personagens – pelo contrário! Eu me identifico bem mais com o Zé... Afinal, Ralf é o nome que me deram, não que eu escolhi – e portanto é tão ou mais heterônimo que os outros!

E afinal – honestamente, gente – pra um sujeito nascido no Brasil em 1957, e cujo último ancestral nascido na Europa viveu de 1837 a 1921... darem o nome Ralf só pode ser algum tipo de piada, né?

(2) O ZÉ, ao contrário, *não* é um sujeito exatamente divertido.

Afinal, *não é moleza nenhuma* ser um Zé.

O Zé é aquele que escolheu observar com consciência o *que é ser um qualquer*, no Brasil e no mundo em geral... e se encheu de amargura – pelo descompasso entre isso e a *dignidade divina* que ele entrevê em todo ser humano.

No Zé coincidem uma atitude de enlevo perante a grandeza & beleza do universo e a crítica à forma amesquinhante de convívio humano a que se deu o nome de "sociedade" – não uma crítica meramente cerebral, mas asco mesmo. Visceral.

É para essa coincidência do místico com o político (e não para o suposto dom de adivinhar o futuro) que os teólogos usam a palavra “profético”. Apesar de seu amor pela simplicidade e o despojamento, Zé se sente compelido a falar **nesse** tom profético -- aliás, se não me engano seu verdadeiro nome é *José Jeremias Lobo*, algo assim... -- e aí soa muitas vezes ranzinza, queixoso, acusador...

... o que no fundo é um puro debater-se em um amor desesperado com sua própria impotência diante do sofrimento que vê afligindo a maioria dos seres em seu mero existir.

(3) E aí tem o autor de poemas que puxam para o erótico – ou, talvez melhor: que falam, de modo mais explícito ou menos, do mundo do desejo e do sexo - às vezes de modo seguro de si e atrevido, às vezes lamentoso pela ausência, pelo não correspondido, etc. Para esse foi adotado já faz algum tempo – por razões que eu conto outro dia – o nome VALDO VALENTE. (...) *

É preciso registrar que, embora razoável, essa divisão entre três heterônimos não foi utilizada em 2017, na publicação (até agora exclusivamente virtual) de **Trajeto: poemas quase completos**, coletânea que pretende estar para Ralf Rickli como *Leaves of Grass* está para Walt Whitman, e cujo título faz referência ao primeiro livro que publicamos: **PRA FORA: poemas incompletos** (1981).†

Nessa primeira coletânea já fica patente o que tem sido um dos nossos grandes temas de vida: um amor dividido entre a natureza e a vida urbana, considerando que a primeira, embora bela e sábia a seu modo, é insuficiente para o ser humano desenvolver sua plena humanidade, e por outro

* RICKLI, R. **20 poemas de 3 poetas que são 1**. São Paulo, 03.02.2008. Disponível em https://pluralf.blogspot.com/2008/02/20-poemas-de-3-poetas-que-so-1_5532.html. Para seu uso aqui, o texto passou por ligeiras adaptações em 2018.

† RICKLI, R. **TRAJETO: poemas quase completos**. Vitória, 15.04.2017. Disponível em <http://tropis.org/rr.trajeto/>. Idem. **PRA FORA: poemas incompletos**. Curitiba: Beija-Flor, 1981.

lado a segunda vem sempre traindo sua missão libertadora, tornando-se, ao contrário, instrumento de opressão tanto da natureza quanto do próprio ser humano.

A voz que apresenta esse drama já está presente em vários dos poemas do primeiro livro, em particular nos três últimos (*Três elegias sobre a cidade*, incluídas na Seção 3 do *TRAJETO*), e se torna mais nítida logo depois, no poema cênico *O Auto da Paixão da Cidade*, escrito sob o impacto dos primeiros meses vividos em São Paulo, em 1982 (Seção 4 do *TRAJETO*).

No *Auto* se alternam as vozes de um CORO ao modo grego, do *HOMEM DO CHÃO* (um roceiro migrante), de uma turba classe-média nomeada genericamente OS DA CIDADE, e do *HOMEM DO AR*, este definido na introdução como “Humano, mas com parte com o mundo extra-humano do coro. Um profeta, um estrangeiro, um Zaratustra, um poeta – um aéreo, enfim.”

Nesse mesmo período veio o convite a participar de um grupo que planejava, em São Paulo, o *Quarup Adeus Sete Quedas*, uma manifestação político-cultural a ter lugar em Guairá (PR) em setembro de 1982, numa das últimas semanas antes dessas quedas do Rio Paraná serem cobertas pelas águas da Represa de Itaipu.

Isso nos sugeriu um novo poema cênico – outro *auto* ou talvez mais propriamente um oratório – a ser “performado” na ocasião, cujo fio condutor seria mais uma vez a fala desse Homem do Ar, e escrevemos de imediato umas linhas de abertura em que o Coro apresentaria esse Zaratustra caipira: “Assim falava Zé, filho de Mané...” – o primeiro texto desta seleção. No

mesmo ato já foram escritas umas primeiras linhas a serem faladas pelo recém-batizado Zé... e aí desistimos, com a consciência da excessiva pretensão e pouca viabilidade do projeto. Estivemos no *Quarup Adeus Sete Quedas*, porém anonimamente, olhando para aquilo tudo em silêncio.*

Restou a figura do Zé, e a permanente intenção de registrar um pouco mais do que o Zé diria disto ou daquilo, o que só conseguimos começar a pôr em prática explicitamente – e ainda assim de modo bem esparso – mais de 20 anos depois.

Com isso, acho que podemos dar por concluídas as apresentações. Mas como encerrar este *Interfácio*?

Quem sabe assim:

Deus e o diabo disseram ao mesmo tempo: “Faça-se o Zé!”

E o Zé se fez.

Vitória, 01.01.2019

DE VOLTA AO ÍNDICE

* A publicação original desse texto se deu em **LÍNGUA-VIVA: uma revista de literatura**, nº 6 (jun. 1983), p. 19-21. São Paulo: Movimento Língua Viva, 1983 – sob o título **Primeiros fragmentos para um bloco do “De Babilônia e seus rios”**, incluindo as linhas adicionais referidas. Em 2017 foi incluído, com o presente título e formato, na Seção 6 de **TRAJETO: poemas quase completos**, <http://tropis.org/rr.trajeto>

ZÉ E AS FESTAS DE NATAL (CONTO - 2006)



Zaratustra foi viver na montanha. A montanha do Zaratustra era na Suíça. Com menos recursos, Zé foi passar uns tempos no brejo.

Um dia Zé voltou à cidade, e era ali por volta do Natal, e era de noite. Zé sempre achou lindas as luzes das cidades, vistas de longe. Uma imitação do céu na Terra! Nunca entendeu o que acontecia com aquela beleza quando chegava perto.

Chegou a pensar que o problema fosse com ele, que toda a alegria que essas luzes prenunciavam ia se escondendo à medida que ele se aproximava, talvez porque tivessem a capacidade de farejar o quanto ele era chato. Observando uns tempos, Zé achou que podia deixar essa hipótese na gaveta, mas nunca chegou a um julgamento definitivo sobre ela.

Mas agora havia uma segunda camada de luzes na cidade: parecia que cada prédio, cada jardim tinha querido se fantasiar de céu por si mesmo – e com isso, mesmo já estando dentro da cidade dava pra

imaginar alegria em cada um deles. E então Zé foi caminhando pelo meio das luzes, sorridente e encantado...

Só que nessas ruas não tinha ninguém.

Minto, às vezes alguém aparecia. Mas se esse alguém estava sozinho, ia tratando de atravessar a rua. A cada um, Zé já vinha de longe tentando um diferente sorriso, do brejeiro ao bonachão, e com isso alguns também davam uma sorridinha ou um discretíssimo cumprimento com a cabeça, e tratavam logo de sorrir pra outro lado. Outros, aí é que fechavam a cara e atravessavam a rua mesmo. E aos poucos as tentativas de sorriso de Zé começaram a se reduzir ao melancólico.

Já os grupos... esses vinham alegríssimos. E atropelando, pois a maior parte das pessoas dos grupos nem enxergava o Zé nem qualquer outra pessoa de fora do grupo. Nos que enxergavam, Zé tinha impressão de ver certa cara de desdém, algo como “o que é que esse *avulso* está fazendo aí na calçada...” Mas já tinha ouvido o suficiente que ele fantasiava coisas, então preferiu não levar isso em conta.

Esses grupos geralmente entravam em prédios, e algumas vezes Zé os seguia com os olhos, observando uma coisa ou outra como era seu vício – e aí muitas vezes aparecia um sujeito largo e

ensaiadamente sério que tapava a entrada do prédio com o corpo enquanto dizia: “o senhor deseja alguma coisa?” *COMO A SUA HORA AINDA NÃO HAVIA CHEGADO*, Zé só dizia “nada, não”. E como quem não quer nada, seguia.



Depois de umas duas horas, duas e meia, sem nada de novo, Zé sentou na calçada de uma esquina qualquer. E aí, mais uns cinco minutos e um carro legal estacou na sua frente e uma porta se abriu.

– Zé! Você por aqui, Zé! Enfim, quem é vivo aparece!

Sem largar do volante, a voz torcia o tronco e se esticava por cima do assento de passageiro. Aos poucos, Zé distinguiu na penumbra de insulfilm o rosto do José, realmente contente de vê-lo.

– Chega aí, Zé! Tá indo onde?

– Lugar nenhum.

– Nem tem compromisso depois? Vem comigo, Zé, entra aí. Tô indo na festa dum cliente legal, você vem comigo e tá limpo. Aproveita!

Quem sabe mais pra soltar a canseira do corpo, Zé foi se aninhando naquele assento todo mãe enquanto resmungava “sei não”.

– Que é isso, Zé, vamo lá. Aproveita. Não é um pessoal formal. E quem sabe até tem aquele treco que você tanto gostou daquela vez, não saía do lado da mesa, como é mesmo o nome?

– Damasco. Você lembra, hem? É, eu gosto mesmo. E aquela vez tava perfeito recheado com aquele queijo-creme...

– Zé, não sei se eu já te falei. Você é um sujeito que eu admiro. Aprendi muito com você, Zé. Quer saber de uma coisa? Eu tenho certeza que eu não estaria onde estou hoje sem as coisas que eu aprendi de você, Zé! E no entanto... você não faz questão de nada, é despojado... te admiro muito, Zé!

– Bobagem, José – e soltou os olhos na avenida, ativando suavemente a cara-de-paisagem.

Zé tinha feito muitas escolhas por gosto; outras vieram sem escolha. Muitas vezes dizia “eu não preciso de um carro *assim*”, “de uma casa *assim*”, e era sincero; e, sendo sincero, também não achava ruim um pouco mais de participação na maciez dos damascos, ou de um assento *assim* nas horas de cansaço... *E por quê (pensava) não poderiam lhe dar acesso a essa participação a qualquer momento, se*

ele podia e dava acesso à participação nas coisas que sabia a qualquer momento? Só porque não conseguia conceber que a conversa fosse colocada numa balança calculadora como fazem com os damascos?

Esse, aliás, era um campo em que os pensamentos ficavam esquisitos, o que lhe parecia lógico era chamado de absurdo, o que lhe parecia absurdo era chamado de lógico... Decidiu se concentrar no desfrute do assento e se aninhou ainda melhor, enquanto tentava inicializar o programa “cordialidade”.



A casa era dessas que ainda conseguem ter jardins de recolher carros dentro, árvores enormes, coisa e tal. Tinha bufê no terraço, perto da piscina. Gente pra lá e pra cá, bandejas, taças. Zé já tinha passado por de tudo um pouco, então também segurava sua taça quase à altura do rosto, um gesto que parece ter algum efeito neurológico de ajudar a manter o sorriso.

Lá pelas tantas avisaram que ia se apresentar o coral da Associação X, onde a dona da casa era voluntária.

Zé suspirou e se remexeu por dentro, e aí bombeou um pouco mais de fixador para o sorriso. Já tinha cantado em coral e na verdade gostava bastante, mas geralmente só das músicas que os outros achavam esquisitas... Com as coisas tão bonitinhas de horas como esta, geralmente passava um certo desconforto.

Duas, três músicas soltaram pelo ar palavras e notas que se espalhavam, batiam nas pessoas e paredes, caíam no chão, se debatiam uns instantes e sumiam. As pessoas batiam um pouco os dedos espalmados, que é como fazem quando convém a postura de bater palmas mas o calor-do-coração, que mora na concha da mão, se recusa a participar, e nem notavam aqueles bichinhos estranhos estrebuchando a seus pés.

Zé só olhava, parado... mas alguma coisa deve ter transparecido, pois dali a pouco uma mulher assim pro fim dos trinta foi se achegando e perguntou, cordial:

- E aí, está gostando?
- É, eles cantam legal, né?...
- Mas... ?

Tinha realmente percebido algo, essa mulher. Interessante ela, de uma elegância bem disfarçada de simples... Como Zé não dissesse mais, acrescentou:

– É claro que não se pode esperar deles o apuro técnico de...

E o Zé mordeu a isca.

– Não, não, isso não me incomoda. São essas músicas... na verdade essas *palavras*.

– Mas o que tem? Falam de solidariedade, compreensão, amor ao próximo... Mesmo se você for ateu...

– Acho que é pior se não for ateu – quero dizer, se levar a sério o que se supõe que o Natal celebre: *solidariedade, amor... parole, parole, parole...* No final, ouvir essas músicas fica sendo uma forma de *exorcizar* os bons sentimentos que por acaso tenham grudado na gente por aí, e que poderiam perturbar a racionalidade e eficiência na nossa vida. Você vem aqui, escuta e... pronto: pagou o imposto. *Já foi bom* pelo ano. Inclusive já provou pra si mesmo que é santo a ponto de ouvir com sorriso umas músicas beatas de que na verdade não gosta... Se gostasse ia ouvir em casa o resto do ano, não é mesmo?

– O senhor acha mesmo?

– E além disso... veja: durante quatro horas num ano esse pessoal do coral está aqui, nesta casa fabulosa. E o resto do ano, passam onde? A casa da família de cada um provavelmente cabe inteira no banheiro da suíte da dona desta casa... mas ela acha que conquistou uma relação igualitária com eles, de ser humano para ser humano. Devia é ouvir os comentários depois, na casa deles...

– Hã, com licença, sim?

Zé não teve tempo de ver com que rosto ela disse isso, pois já tinha se virado e zunido como quem vai atender de alguma coisa.

Mais uma música e aparece o José:

– Zé, o que foi que você disse pra Natalie?

– Eu?

– É, você. Ela tá esquisita. E me disse que, se você não se sente bem neste ambiente, eu não devia forçar você a estar aqui. O que é que...

– É, acho que ela tem razão, José...

– Eita, você não tem jeito mesmo, né?, ô Zé! Mas tá certo. Eu te trouxe, eu te tiro daqui. Tem uma comemoraçõzinha lá na minha irmã, gente mais simples, classe média...

Zé quase gritou “não, não!”, mas aí uma espécie de... curiosidade antropológica venceu (ou seria apenas perversa?), e disse o “vam’ lá”.



Era uma dessas festas de aniversário com crianças correndo pela casa, sofá sujo de bolo, e aquela roda de adultos exercendo sua aduleza de cerveja na mão... mas devido à época estavam lá de novo as tais músicas de Natal. E de todas as músicas do CD as crianças encasquetaram com *aquela*, punham de novo e aí se esgoelavam em coro: “Pa-pai No-ééé!... vê se você tem... a felicidade... pra você me dar!” E logo concluíam com o relato de que esse Papai Noel “com certeza já morreu... ou então felicidade... é brinquedo que não teeemmm...” – um verdadeiro triunfo!

Zé havia jurado não abrir a boca, mas quem começou foi o dono desta casa – o cunhado do José, meia idade, bancário:

- Essa música de novo, *não*, minha filha!
- Que que tem, pai? É legal. Eu também quero presente do Papai Noel...
- Tá, mas já ouviu demais, né?

E se virou justo para o Zé, como quem pede reforço:

– O senhor não acha que agora as crianças podiam dar um tempo com essa música? As visitas já cansaram, não é?

Mas Zé estava distraído, distante... e aí se viu dentro da conversa de repente, sem entender bem a situação... E largou:

– É, eu digo sempre que essa música não é apropriada pra crianças.

O imprevisto do comentário paralisou tudo em volta numa forma de plateia... mas o Zé nem reparou. Só reparou na pergunta da menina, de seus sete, oito anos:

– Ué, mas por quê?

– É muito triste, não é? Alguém dizendo que não tem jeito mesmo, que nunca vai conseguir ser feliz... Tanto que o autor da música se matou.

– *Fez a música e se matou?* – quem perguntava agora era o filho mais velho da família, desajeitado como se tem que ser aos treze anos.

– Não, na verdade foi anos depois. Dizem que porque tinha sido famoso e agora estava quase esquecido e cheio de dívidas... Mas acho

que tinha coisas mais profundas. Afinal, ele tentou se matar várias vezes... lutou com a tristeza a vida inteira...

– E por quê?

– Quem sabe por ter sido tirado dos pais, muito pobres, quando tinha sete anos, praticamente como escravo. Nunca mais viu os pais. E ele era brilhante, aos 10 anos já era bom em vários ofícios de adulto, então nunca deixavam ele ser criança – e ainda por cima iam passando de mão em mão, nunca deixavam ficar onde tinha gostado.

... Quem sabe foi por isso que se matou tomando guaraná com formicida num parque infantil... talvez como procurando um caminho de volta para a infância...

Zé reparou que a menina estava de olhos arregalados e por um instante ficou com medo de ter falado demais – mas aí lembrou de outro detalhe e esqueceu a preocupação:

– Mas na verdade acho que essa música fala mesmo é da solidão de ser gay naqueles tempos – *negro* e gay, aliás, pra deixar um pouco mais fácil...

Aí foi o rapaz que arregalou os olhos, mas Zé nem viu. Quando estava falando, costumava só enxergar a cena que narrava.

– Tudo indica que a felicidade que ele tanto esperava era poder ter um companheiro que gostasse dele de verdade, quem sabe ter sua casa, sua vidinha juntos, serem respeitados e queridos como qualquer família... mas naqueles tempos, mesmo no Rio que era a cidade mais liberal do país, nenhuma pessoa de bem era louca de se arriscar com isso.

... Aí, pra não viver em total solidão, ele acabava comprando a companhia de gente sem caráter que depois fazia chantagem, e aí foi se atolando em dívidas, até que... sem dinheiro nem amor... cansado de esperar o tal Papai Noel que não vinha... terminou preferindo morrer.

... É por isso, aliás, que eu acho essa música muito pesada pras crianças, pois fala dessa *coisa mais imoral do mundo*... que é existir quem explore e quem discrimine as pessoas, e pior: deixar que pessoas morram de fome de amor! Não é uma barbaridade mesmo?

Achando que era explicação suficiente, a consciência do Zé retornou ao ambiente... e aí se surpreendeu de ver todo mundo de pé,

gesticulando... e mais ainda ao ver o dono da casa vindo pra cima dele como um trator – parecia ter triplicado de tamanho – e urrando entre os dentes:

– *O senhor ponha-se daqui pra fora! Entra aqui na minha casa pra falar imoralidade na frente das minhas crianças! Fora! Fora, antes que eu lhe parta a cara pelo meio. FO----RA !!!*



Caminhando de volta no rumo do brejo, no boteco perto da favela tinha dois desses músicos profissionais de bailecos. Zé se encostou no balcão e ficou olhando. Uma puta pediu 50 centavos pra uma cachaça. Zé quase não bebe, mas achou que ali seria de lei bebericar um pouco com ela e as colegas. Mas não falou quase nada: olhava a pista de dança que pulsava, pulsava... Como é doido mesmo, por um instante teve a sensação de que a pista era uma espécie de coração cósmico, e que pulsava em conjunto com o universo inteiro...

Não disse mais nada, não fez mais nada... ouvia, olhava... e se sentia bem. Foi só quando parou o clássico carro preto com os woofers fazendo tremer a calçada e desceram uns tipos que evidentemente se *achavam*, que Zé achou melhor ir retomando seu caminho.

– Pena – pensava – estava agradável lá no boteco. Tinha dramas sem fim, naquelas vidas... mas também tinha verdade, que é o ar que a alma respira.

... Não que essa não seja uma vida insana! Quem sabe aquele escritor, o Aldous Huxley, tinha razão quando pensava que a escolha do ser humano é só entre a loucura e a insanidade. Desde então encasquetei que ia encontrar um terceiro caminho... mas meu abrigo aqui no brejo com certeza também ainda não passa de uma dessas duas. Só não tenho certeza de qual.

15.12.2006

Ao que foi Assis, e foi Valente:
que tenha, enfim, alcançado felicidade!

P.S. (2018). Este conto foi inspirado por alguns cenários e cenas em áreas de classe média alta de São Paulo e de Santos (SP) e da periferia pobre de Praia Grande (SP) - além de outras situações puramente imaginárias. O texto – anteriormente divulgado apenas entre amigos pessoais do autor – recebeu pequenas revisões em 2018.

Em relação a Assis Valente, é forçoso registrar que em 2014 o jornalista GONÇALO JUNIOR publicou uma nova biografia do artista, a mais pesquisada

e completa até hoje, intitulada *Quem tem samba tem alegria* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira [Grupo Editorial Record], 2014).

Nesse trabalho o autor parece refutar consistentemente que Assis Valente tenha sido gay: seu autoadmitido “grande segredo” seria na verdade a dependência crônica de cocaína – decorrente por sua vez de um viés fortemente depressivo, que permanece legítimo vincular psicanaliticamente às suas vivências de infância.

Reparando, porém, que essa nova biografia só tenha sido publicada em 2014, permanece perfeitamente viável que o Zé tenha protagonizado a cena descrita em torno do Natal de 2006!

DE VOLTA AO ÍNDICE

O QUE ZÉ DIZ QUE OUVIU DE DEUS

(POEMA - 2007)

Deus me mandou tentar viver sem Deus.
Sem nada do que nos acostumamos a pensar como sendo Deus,
e como sendo o que Deus pede de nós.

Ele me disse: se Eu existo,
e Sou o que Eu Sou,
Eu estarei em você sem você se preocupar com isso.
Apenas viva buscando ser bom
porque é bom
e não porque isso tenha o carimbo “de Deus”

e não fique tentando me abranger com a sua consciência
pois isso seria garantia de que você terminaria guiado
por uma imagem menor de mim
que não é o que Eu Sou.

Se você me ama mesmo
apenas me deixe estar em você
como a água está no peixe
(em volta, e dentro, e dentro, e em volta)
e esqueça os nomes que me dão.
Ocupe-se em ser quem você é
enfrentando as situações que estiverem diante de você
sem delirar que o rio secaria
se você não dissesse o tempo todo “ó Água,
ó Água,
ó Água!”

Se você me ama mesmo,
veja se CALA meu nome
e os discursos sobre minha existência e importância
– pois não há nada mais insuportável
que um bando de peixes que não param de falar.

*

DE VOLTA AO ÍNDICE

* Publicado inicialmente no **blog do Ralf & do pluralismo radical**, em 19.01.2008 (disponível em https://pluralf.blogspot.com/2008/01/balanando-entre-filosofia-poesia_19.html). Incluído em 2017 na Seção 12 de **TRAJETO: poemas quase completos**, <http://tropis.org/rr.trajeto> .

CONVERSA COM O MONGE JOSEFUS sobre a luz da carne & as sombras da luz

(DIÁLOGO FILOSÓFICO - 2008)

Este ano meu tradicional desconforto com o Natal parecia estar com um sabor diferente. Não conseguindo decifrar, resolvi visitar o monge Josefus em seu casebre à beira-brejo.

Comecei tateando: como expor o que ainda não se sabe o que é? Mas mal pronunciei “desconforto com Natal”, Josefus atalhou:

– Você então é mais um dos que reclamam que o Natal virou só comércio e comilança, e perdeu a essência espiritual?...

Percebi um quê de ironia, o que me incomodou um pouco.

– Bom, eu costumava dizer isso, mas agora parece que surgiu algum *outro* desconforto... De qualquer modo isso não está errado, né – ou o senhor acha que está, monge Josefus?

– Ou sou monge ou sou “senhor”, não dá pra ser os dois ao mesmo tempo...

– Tá bom, desculpe. Mas enfim, o que foi que o senh... que você quis insinuar?

– Que não vejo sentido em o cristianismo reclamar de Ihe usurparem uma festa que nunca foi dele. Que ele mesmo tentou usurpar.

– Usurpar soa pesado, não acha?

– Não reconhecer o peso das coisas pesadas nunca levou a nada de bom. A palavra não deveria ser usada pra desconversa, pra falsear. É usada quase exclusivamente pra isso, mas não deveria... Enfim, você tem noções razoáveis de história e de antropologia, não?

– É, um pouco...

– Mas com certeza sabe que as festas de mudança de estação já existiam milhares de anos antes do cristianismo, talvez dezenas de milhares. Pausas pra tomar fôlego entre as atividades diferentes que as diferentes estações exigiam. Comemorar desfrutando do que se conseguiu produzir com tanto esforço, dar uns dias de férias ao esforço e à seriedade – até mesmo para a capacidade de esforço e seriedade se refazerem, pois já se sabia que novos trancos sempre vêm: mesmo quando a humanidade não tinha inventado necessidades artificiais, a natureza se encarregava de nunca nos deixar na pura moleza...

... E então: se os cristãos queriam comemorar o nascimento do seu inspirador, por que não criaram uma festa nova pra isso? Se for verdade que Jesus trouxe algo novo na história da humanidade, por que comemorar com o que havia de mais velho?

– Ora, monge Josefus, você sabe muito bem que os cristãos cultivam essa ideia estranha: que se um caminho leva até o alto do morro, todos os outros caminhos só podem levar a abismos e devem ser destruídos. Como se os morros tivessem um lado só... E então a intenção era justamente *destruir* costumes antigos colocando os seus no lugar.

– Tem razão, mas digo mais: dois séculos haviam deixado claro que costumes antigos não se deixam suprimir tão facilmente. Então passaram à tática de não tentar suprimir e sim *invadir* costumes alheios e lhes atribuir significados novos –

... como se faz ainda hoje quando as igrejas se apossam de estilos musicais criados fora dela, expressões legítimas de outros anseios e experiências dos jovens e do povo em geral, e lhes atocham palavras religiosas que não têm nada a ver com o que a música expressa... Às vezes até fica bonito, mas no fundo é uma tapeação, um engodo...

– Mas monge, você sabe que com isso os cristãos pretendem introduzir luz onde há escuridão, onde as pessoas estão perdidas...

– Pretendem. Mas deviam começar a abrir os olhos para a realidade da história. Onde os cristãos tomaram conta, geralmente o estado de coisas *retrocedeu*; conquistas luminosas do pensamento, realizadas com atitude *humanista*, foram abandonadas e substituídas por modos de vida supersticiosos e opressivos... Estude um pouco da história concreta, documentada, e veja: quem representou luz, quem representou trevas a maior parte do tempo?

– Mas, pera aí... como é que o senhor, um monge, vem me dizer essas coisas? Parece que não quer deixar pedra sobre pedra do edifício cristão... Desse jeito era melhor eu ter pego direto um livro de Nietzsche...

– Teria sido, se a sífilis não tivesse botado os miolos do coitado do Nietzsche crescentemente em curto, fazendo ele introduzir uma porção de bobearias novas lá onde deveria ter deixado um chão realmente limpo, na sua sagrada missão de demolição.

– Mas, monge Josefus!...

– Pois é preciso mesmo não deixar pedra sobre pedra, se ainda for para a semente plantada por Jesus germinar e crescer. Em cima dela era pra ter crescido *uma planta viva*, não um edifício.

– !!!

II

– No fundo está tudo lá na abertura do Evangelho de João: o que está no princípio de tudo é *lógos*: tem a natureza de uma fala, um discurso... Costumam traduzir por “Verbo” ou por “Palavra”, mas isso ainda é metáfora, metonímia de parte-pelo-todo: em grego, “palavra” como unidade seria *léxis*, não *lógos*.*

... *Lógos* é o teor de informação que existe em cada coisa fazendo-a ser o que é, em lugar de um pedaço de substância informe. De certa forma o *programa* de cada coisa, programa que é *lógico*: teria cabimento um *lógos* que não fosse lógico?

... Mas a palavra programa também não é muito adequada, pois significa “escrito antes”; sugere uma coisa pré-fixada, rígida, e o *lógos* é como o programa sendo gerado e desenvolvido nas mãos do programador; ou melhor: na mente do programador, a qual se torna uma com o programa enquanto o pensa e desenvolve: ela é o programa (“o *Lógos* estava com Deus, e Deus era o *Lógos*” – é essa a ordem das palavras no original).

... E se, por um lado, aí não há separação entre Deus e sua fala, por outro essa fala tampouco está *antes* ou *fora*, e sim *durante* e

* Em grego *todas* as palavras com mais de uma sílaba levam acento gráfico. Optou-se aqui pela prática, não incomum em textos filosóficos, de manter essa característica nas palavras mencionadas em grego, mesmo que transliteradas no nosso alfabeto latino.

dentro das coisas que “surgiram por meio dela”; ou pelo menos não está **só** fora ou antes das coisas (quem somos nós para declará-la limitada?)

... Ou talvez, ainda mais precisamente, esteja dentro-e-durante de tudo o que está vivo, *em processo*: “o lógos era a vida”. Para quem consegue ler com a mente limpa de doutrinações anteriores, é evidente que o autor não está falando de algum fenômeno transcendente ou sobrenatural, e sim do fenômeno *vida* como conhecemos neste mundo mesmo, tanto que comparece no texto *zoologicamente* (quero dizer: vestido com sua linda palavra “zoé”).

E essa vida, ainda por cima, é “a luz”: “*a luz que ilumina todo homem que vem ao mundo*”.

– Mas não é “a luz que vem ao mundo e ilumina todo homem”, referindo-se a Cristo?

– Não, meu caro! No texto grego, “que vem ao mundo” se refere a “todo homem”, e não a “luz”. Quer dizer, a luz não é propriedade de um diferente dos outros.

– Eita!...

– Repare que pelo menos até aqui não existe nem um conflito com a descrição do mundo das ciências atuais: a vida que existe e atua nos nossos corpos *é* luz, é energia que chegou à Terra em

forma de luz, literalmente. Mas não só *a atividade* é energia: a substância básica de tudo também é energia, a qual assume sua multiplicidade de formas mediante a informação que a configura (fazendo uso, para isso, de ainda mais energia).

... Onde termina a informação, onde começa o corpo da luz? Como separar?

... Não são uma coisa só, mas também não são duas separadas... Uma *está com* a outra ou *é* a outra? Não há como determinar um limite interno e... Quem diria! Então a estranheza que o primeiro versículo de João sempre causou não é diferente da estranheza que o pensamento quântico nos causa!...

– Você está querendo dizer “a ciência já decifrou toda a charada”?

– De jeito nenhum! O nível quântico continua enigmático... e, além disso, aqui ainda entram coisas que não são só questão de *ciência*: eu havia deixado de fora uma palavra da fala de João sobre a luz: “a luz *não enganosa* que ilumina todo homem que vem ao mundo”. (Geralmente se traduz como “luz verdadeira”, mas é interessante que para os gregos só é possível nomear verdade negativamente: é a “ausência de mentira”, o “não enganoso”).

... Quer dizer: entra com essa palavra um elemento de *juízo*: não é tudo igual; se existe o verdadeiro e não-enganoso, então também pode existir o enganoso. E também está dito: quando a luz “veio para que lhe era próprio”, para o mundo “que havia vindo a ser através dela”, esse mundo “não a reconheceu” e “o que lhe era próprio não a acolheu ... mas aos que acolheram lhes deu potência de virem a ser filhos de Deus”: entramos em um mundo de cognição (*não reconheceu*) e de escolha (*acolheu x não acolheu*), e portanto de *liberdade*... questões não só de ciência mas de *consciência*.

... Talvez até se possa dizer que só aqui surge um elemento de *fé*, nessa história toda: até aqui tínhamos uma descrição objetiva de fatos físicos, químicos, biológicos; agora começamos a apostar que essa mesma luz que é vida e atividade mental-neuronal em nós, que essa mesma luz seja capaz de processar uma coisa chamada “sentido”, não só reconhecendo sentidos como também criando e atribuindo (mas não só criando e atribuindo como também reconhecendo!).

... E mais: a apostar que, uma vez tendo virado as formas individualizadas que nós somos, a luz-que-somos-nós seja capaz de *escolher* – e isso até a escolha-limite que é a entre *aceitarmos* essa condição de seres capazes de efetiva escolha consciente (“potência de tornar-se filho”, ou seja: de ter em si a mesma natureza do pai-do-

escolher, da matriz universal da voluntariedade) ou nos deixarmos de fora desse grau superior de responsabilidade.

– Para, para!... Quer que eu fique louco com tudo isso de uma vez?

– Tudo isso? Mas foram só dois passinhos pequenos... E o mais importante deles ainda está por vir.

– Será que eu dou conta?

– Claro; já atravessamos o campo e estamos na boca da área...

– !

– Mas antes de partir pra finalização eu preciso ressaltar uma coisa sobre o que eu estava dizendo: não pense que estou entrando pelas concepções usuais de pecado-e-redenção. A coisa me parece muito mais simples: temos luz-entendimento suficiente para, querendo, *reconhecer como são as coisas*, “*sem engano*” (ou pelo menos para ir fazendo nosso caminho gradual na direção disso), mas podemos ignorar, não acolher a luz que temos em potência. Escolher a inconsciência, ou a consciência enganosa. Não consigo imaginar um Deus querendo nos fritar por isso – mas por outro lado é grande a chance de que a consciência enganosa que escolhemos nos leve a tentar passar em portas apenas pintadas na parede.

– Entendo...

III

– E agora o principal: “e o lógos se fez carne e acampou em nós”.

– *Acampou em nós??* Que papo é esse? Não é “e habitou entre nós”?

– Uma das tiradas mais brilhantes da Bíblia inteira é jogada fora com esse pobre verbo “habitar”. Está escrito que o lógos *se estabeleceu com a sua tenda* – e você sabe o que isso significa dentro do contexto cultural judaico, não? Aliás, é só nessa fala que a herança judaica entra em cena, até aqui estávamos na mais grega das discussões! Enfim, a tenda...

– Sei, a vida dos judeus como um povo organizado, com sua própria lei, começou no tempo em que viveram em tendas, no melhor estilo acampamento dos sem-terra, saindo do Egito e ocupando pouco a pouco a terra de Canaã...

– Sim, mas no meio das outras havia uma tenda especial: a que abrigaria o *próprio Deus* de Israel, em duas formas...

– ?

– Em forma de pura força – mesmo se com o suporte material da Arca da Aliança – e na forma do discurso, da fala dessa força, traduzido em palavras humanas por Moisés e registrado por escrito em tábuas de pedra: a Lei. Segundo os relatos, por uns 200 anos esse

conjunto Arca-Tábuas “viveu” numa tenda, e com ele a consciência do povo de Israel – tanto consciência de ser um povo quanto consciência no sentido de código do que seja certo e errado.

... E agora esse João se atreve a dizer: “e a Fala Divina se fez carne”, não mais pedra, “e fez sua tenda em nós”.

– Não é “entre nós”, “no meio de nós”?

– A palavra grega permite as duas leituras, “em” e “entre”, e desconfio que as duas leituras estão certas ao mesmo tempo – tanto quanto somos ao mesmo tempo seres individuais e sociais.

... Enfim: apesar de João dizer “a vida era a luz dos seres humanos” (talvez não por acaso com o verbo no passado), parece que há muito se havia estabelecido um dualismo, uma certa oposição, entre palavra-luz e carne-vida – e com isso um divórcio entre pensamento e ação.

... E antes que você me diga que isso é apenas a forma grega de ver o mundo, vou lhe dizer onde essa dualidade aparece de forma particularmente intensa e comovente: na concepção de ser humano *dos guaranis*.

... Na concepção guarani a alma-fala que habita em nós é responsável não só pela fala como também pela nossa postura vertical e pelo nosso comportamento ético-social – mas além dela também

nos habita uma alma-animal. O rompimento de certos preceitos leva a alma-palavra a se afastar e nos deixa vivos porém animalizados: perdendo o eixo vertical, grunhindo ou urrando, incapazes de participar da comunidade humana. Um desses preceitos é o de jamais comer a caça no mato, e sim levá-la sempre para a partilha, a comunhão. Se traio a comunidade humana, sua virtude me abandona: é ilusão que alguém possa viver só para si e permanecer humano, pois ninguém é humano por si só.

– Como Vygotsky demonstrou no século XX! – ele e muitos outros, né?

– Sem dúvida! Eles mostraram que ser social não é uma imposição arbitrária da sociedade aos pobres seres humanos, mas que esses sequer seriam humanos se não incorporassem a experiência do coletivo em suas psiques – até fisicamente, no sistema nervoso. Mas permanece aí o risco de dualismo entre o frio e o quente em nós (como os próprios guaranis definem): “o sistema nervoso é sábio, a carne é burra”.

... Mas João me parece falar de um projeto de **radical transgressão dessa dualidade**: fala da Palavra-Consciência se unir ao nível da própria carne e sangue, o quente em nós – que talvez não seja burro

mas tenha andado, isso sim, sendo escravizado, com todas as consequências que isso traz. E nesse sentido eu diria que João, pelo menos nessa fala, já aponta é para Wilhelm Reich...

– !

– Ultrapassar o estado “mente sem corpo comanda processo biológico cego”; a corrente-consciência do lógos vem e acampa com a corrente-vida do lógos; cada uma aprende a realidade e os desafios dos processos da outra, e também compartilha com a outra suas próprias perspectivas: **desfaz-se a “sociedade de classes interior”!** Cada pessoa passa a ser **íntegra** mediante o Conselho Interno de seus diferentes elementos constituintes, reunido em torno da fogueira que fornece ao mesmo tempo calor e luz!

... Temos aí um ideal de *integridade* – mas também de *autonomia*: é em cada um de nós que estão unidas a consciência, a responsabilidade pelo mundo e a *capacidade de agir* – a qual, perceba, é um atributo exclusivo da carne-músculo: não existe ação nossa que atinja o mundo se não com a participação de músculos, mesmo que sejam os dos braços quando digito um texto, a língua quando falo, os músculos dos olhos quando demonstramos interesse por alguém.

... Autonomia individual, mas não antissocial, pois a partir de cada pessoa essa organização interna justa-e-solidária se estenderia para fora, gerando uma organização social também justa-e-solidária, a

qual por sua vez seria internalizada por cada novo indivíduo humano que viesse a se formar.

IV

– Lindo, lindo!!... mas... a gente tinha começado falando de Natal, não é? E com essa interpretação você não está simplesmente dispensando Jesus Cristo?

– Eu diria que estou mais *é traduzindo* Jesus Cristo: de uma imagem mítica cujo potencial de melhorar o mundo já está mais que esgotado, para a força espiritual-existencial que ele mesmo pretendia representar.

... Pois tenho certeza de que hoje, depois de tanta coisa terrível que foi feita em associação com as palavras “Jesus”, “Cristo” e “Deus”, esse Jesus – ou a Palavra-Força que atuou na forma dele – não faz questão *nenhuma* de ser mencionada por esses nomes. Essa Palavra prefere ser *pronunciada só na forma de ações*.

– Mas você admite que Jesus fosse mesmo “encarnação da Palavra”? Isso não é uma crença que desfaz dos seguidores de outras religiões?

– Mas se eu estou dizendo que *todo ser humano* pode ser “encarnação da Palavra”, por que Jesus não poderia?

– !

– Hahahaha, essa virada do laço pelo avesso você não esperava, né?

... E não foi ele mesmo quem disse, segundo esse mesmo João: “aquele que põe fé em mim – e aqui eu entendo: *põe fé nisto que eu estou sendo* – fará as mesmas coisas que eu, e ainda maiores”?

– E o Natal, monge Josefus? O que é que a gente faz dele?

– Olha, eu sou da opinião que você *deixe cada um fazer o que quiser do Natal...*

... Mas se **você** quiser celebrar... você sabe que o lógos não está nem aí para que celebrem sua encarnação numa festa desse tipo; que a verdadeira celebração é realizar de novo essa encarnação o tempo todo – “atualizá-la”, como dizem os estudiosos de religiões e mitos – só que aqui não apenas simbolicamente como as religiões costumam fazer, e sim em *ações de alcance real*.

... E eu diria que a gente está celebrando assim cada vez que consegue realizar as seguintes “receitas”:

Autonomia (cri)ativa

assumindo a cada momento responsabilidades pelo mundo

voluntariamente, por tesão

– e ainda assim sem desrespeito à liberdade alheia.

... Ou ainda:

Razão que liberta

**+ amor que não deixa que a liberdade se torne abandono
e falta de conexão
encarnados em conjunto em ação real neste mundo.**

V

Neste ponto, como podem imaginar, eu não me sentia mal... mas também não tinha vontade de dizer nem de ouvir mais nada. Felizmente isso parecia bem claro já no modo de olhar do monge, que acrescentou apenas:

– Uma última coisa: se você quiser falar disso *também* na época de Natal, por que não? Com certeza pode ser um enriquecimento desse momento...

... desde que você invente um jeito de não fazer o pessoal ter que passar por isso pra chegar na ceia e na farra, senão a humanidade vai pegar justo ódio e repulsa por aquilo que seria a sua evolução! Definitivamente, discurso que se faz *chato* não pode ser o mesmo de que eu estava falando!!

- Pode deixar, monge Josefus!
- Escuta, meu amigo, que tal agora a gente atacar aquela comidinha ali, abrir um vinhozinho, e você passar a me chamar de Zé?

São Paulo 25.12.2008*

Revisão da parte IV:

Vitória, 30.12.2018

DE VOLTA AO ÍNDICE

* Publicado inicialmente com o título *Minha conversa natalina [catabólica & anabólica] com o monge Josefus*, no *blog do Ralf & do pluralismo radical*, em 26.12.2008 (disponível em https://pluralf.blogspot.com/2008/12/minha-conversa-natalina-catablica-e_26.html).

PARA CONCLUIR (POR ENQUANTO!)

ZÉ E AS FORMIGAS DA PIA

(MICROCONTO - 2006)

– Vou conceder às formigas uma noite de alegria – disse o Zé, colocando na pia o prato todo sujo de doce.

– E amanhã?

– Amanhã mato todas elas.

– Credo, que sádico! Então porque já não mata hoje?

– Um dia você também vai morrer, não é? Sem escape. E não por isso acha melhor dispensar as noites de alegria que puder ter...

DE VOLTA AO ÍNDICE